

FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO – QUANDO A TEORIA ENCONTRA A PRÁTICA

Ruan Lion Costa de Souza (1)
Thalia Cristina de Souza Mendes (1)
Denise Garcia Kozlowski Peixoto (2)
Dr^a Maria Elizabete Rambo Kochhann (3)

(1) Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA/Campus de Santana do Araguaia – PA
ruanlion.13@gmail.com

(1) Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA/Campus de Santana do Araguaia – PA
thaliamendes3011@gmail.com

(2) Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA/Campus de Santana do Araguaia – PA
denisepeixoto31@unifesspa.edu.br

(3) Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA/Campus de Santana do Araguaia – PA
beterambo@gmail.com

Resumo: É muito comum que a teoria seja disseminada e popularizada nos anos em que os graduandos passam na universidade, no entanto, é essencial que a prática também seja adotada visando um ensino melhor. Esse relato de experiência busca apontar os pontos positivos de uma atividade prática executada na disciplina de Fundamentos da Educação, ministrada no primeiro período de Licenciatura em Matemática da Universidade do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA. Constata-se através da experiência que atividades práticas podem desenvolver nos discentes a oportunidade de um pensamento crítico-reflexivo, podendo adiantar-se em construir propostas de melhorias do meio educacional onde está e onde atuará futuramente como profissional, além disso, o discente tem a oportunidade assistir o encontro da prática com a teoria podendo construir pontes que relacionam todo o conteúdo teórico aprendido em sala de aula e ver como todo esse conhecimento funciona, observando potencialidades e pontos críticos a serem enfrentados. A experiência descrita ocorreu no dia dezessete de agosto de 2017, em duas escolas municipais de Ensino Fundamental, na cidade de Santana do Araguaia, no estado do Pará. A atividade foi essencial para os graduandos que puderam ter um primeiro momento em sala de aula, mas não apenas isso, viram na prática como funciona toda a teoria aprendida na disciplina, podendo ainda tecer comentários a respeito da realidade das escolas visitadas, criar estratégias para melhoria de ensino que poderão ser colocadas em prática quando os mesmos estiverem atuando profissionalmente, ou até mesmo caso aconteçam intervenções desses mesmos graduandos na educação municipal. É importante frisar que esse relato de experiência traz consigo o reflexo da importância de atividades práticas mesmo quando essas são opcionais. Vale por fim, ressaltar como foi importante a visita a essas escolas, dado o fato de que os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental aos quais foi aplicada a atividade sentiram-se incentivados quanto à Matemática e a aprendizagem da mesma, visto que antes os mesmos apresentavam temor e em casos mais extremos terror quanto a essa disciplina.

Palavras-chave: Fundamentos da Educação, Atividades Práticas, Teoria e Prática, Relato de Experiência.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem o objetivo de descrever uma atividade realizada em sala de aula com turmas do 7º ano do Ensino Fundamental, a mesma foi aplicada em duas escolas municipais na cidade de Santana do Araguaia no estado do Pará, essas escolas serão tratadas como Escola A e Escola B, A atividade ocorreu no período matutino e vespertino

respectivamente e foi realizada no dia 17 de agosto de 2017, sob a supervisão da Prof^ª. Dra^a Maria Elizabete Rambo Kochhann como uma experiência prática na disciplina Fundamentos da Educação. A atividade desenvolvida nas salas de aula não tinha apenas o objetivo de propor aos graduandos do primeiro período do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) um primeiro momento em sala de aula, mas também dar aos alunos uma oportunidade de abordar o conceito de educação oferecida nas escolas, como Teixeira (1978) interpreta essa dinâmica “Nesta civilização em perpétua mudança, só uma teoria dinâmica da vida e da educação pode oferecer solução adequada aos problemas novos que surgem e que surgirão”.

É de indiscutível importância no exercício do estágio por parte dos graduandos, os mesmos terem a oportunidade de combinar a teoria vista em sala de aula e colocá-la em prática, tornando os estudantes competentes para exercerem sua função ao sair da Universidade, tanto que essa discussão foi colocada diversas vezes em evidência. Pode-se fazer uso de muitos teóricos do meio acadêmico, como Cardoso e Pinto (2010):

O estágio é o momento de aproximação com a realidade escolar, onde o aluno, futuro professor, vai poder praticar as teorias aprendidas ao longo do curso, buscando sempre uma relação entre teoria e prática. Esse momento, então, é o de conhecer o ambiente em que irá atuar.

Mas é de conhecimento comum que o estágio não costuma ser praticado no início do curso, na verdade, estes começam na metade da duração de tais cursos, no entanto, é de exímia importância que exista contato dos discentes com a realidade escolar, principalmente para os estudantes que cursam a disciplina de Fundamentos da Educação. A intenção dessa disciplina é dar noção aos alunos quanto à história da educação e o seu processo evolutivo, utilizando-se de teóricos de grande renome como BRANDÃO (1993), MORIN (2005) e outros, como diz Brandão (1993, p. 3), “ninguém escapa da educação”. Estudar todos esses teóricos aumenta o conhecimento dos alunos, mas permitir que esse conhecimento seja assistido na prática é ainda mais eficiente, já que com uma experiência, os alunos podem relacionar o que foi aprendido na teoria com o que se vê na prática. Por isso, é de grande importância que os professores em formação possam ter contato com a realidade das escolas tão cedo quanto possível.

Além de prover um conhecimento mais significativo, providenciar esta experiência é fascinante, pois permite que os discentes vejam a teoria e a prática se encontrando como uma só, uma experiência como essa fomenta nos discentes a paixão pela profissão que será exercida, como declara Nóvoa (2006) “Todos

sabemos que não há nada, absolutamente nada, que substitua um bom professor. O seu exemplo, a sua inspiração, acompanha-nos pela vida fora” e ainda promove a criação de um pensamento crítico-reflexivo quanto às situações vivenciadas nas escolas, promovendo ainda uma chance aos discentes de elaborar estratégias de intervenção que poderão se tornar de grande valia mais tarde no cenário educacional. Amado (2007, p. 119) afirma que passam a ser “sujeito que (...) tem um pensamento crítico sobre a escola e sobre o que nela se exige que faça – o que é incompatível com a ideia do aluno como mero ‘recipiente’ de informação”.

Dessa maneira, além de descrever sobre a experiência vivenciada pelos discentes do primeiro período do curso de Licenciatura em Matemática, é objetivo desta atividade: incentivar o uso da prática mesmo quando essa constitui-se opcional, dado o fato de que o conhecimento obtido através da ação é surpreendentemente eficaz, pois a condução adequada dos futuros professores, no sentido de educar de modo bem elaborado, traz um conjunto de estratégias graduadas e de forma continuada, traduzindo-se em várias modalidades de aprendizado para que tenham uma boa formação e se tornem excelentes profissionais.

METODOLOGIA

A atividade preparada pelo grupo era chamada *Bingo das Operações*. Assim que se adentrava em sala de aula, era feita apresentação e a explicação do que havia sido planejado para ser executado com os estudantes das escolas. Assim que explicado, distribuía-se cartelas de bingo, uma para cada aluno, as cartelas continham 24 espaços para serem marcados. As pedras do bingo seriam anunciadas, no entanto, deve-se ressaltar que o jogo foi modificado para avaliar a situação dos estudantes, ao invés de falar a pedra “33”, por exemplo, foi realizada uma substituição por uma das quatro operações básicas como “ 11×3 ”. Todas as pedras do bingo foram adaptadas dessa maneira, utilizando as quatro operações básicas aleatoriamente para cada pedra. Dessa maneira, era necessário que os alunos fizessem as “continhas” e só então ao descobrirem o resultado marcassem em suas respectivas cartelas, se tivessem os números “chamados”.

A cada quinze pedras “cantadas”, um dos integrantes do grupo resolvia juntamente com os alunos as operações no quadro, para que fosse assegurado que os alunos estivessem acompanhando.

Inicialmente, a cada linha, quer fosse horizontal ou vertical que fosse finalizada, o

aluno ganharia balinhas como uma “premiação”, além disso, quem marcasse a cartela completa ganharia mais balinhas como uma forma de incentivo e de desenvolver a competitividade dos alunos, já que é conhecido o fato de que o uso dos jogos fomenta a participação dos alunos, como dito por Rizzi e Haydt (2001, p. 68):

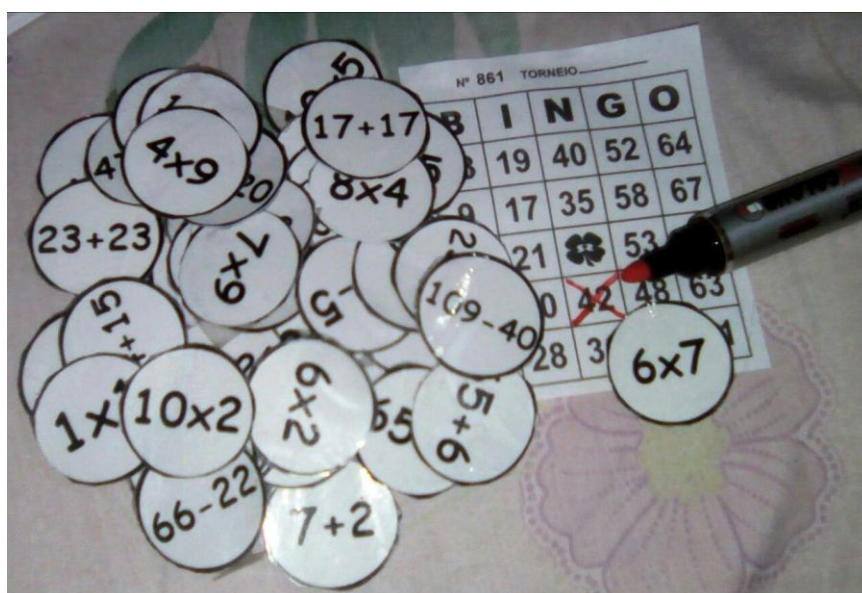
O jogo atrai a atenção pelo fato de estar competindo, e como todos os jogos, ou se destrói o inimigo, ou considera o adversário como referência constante para o diálogo consigo mesmo. Quando jogos são propostos para as crianças, a reação mais comum entre eles é de alegria e interesse pela atividade, pelo material e pelas regras [...]

Ao alcançar o fim da atividade, pediu-se para que os alunos escrevessem em um papel comentários a respeito da atividade que tinha sido desenvolvida com eles, sugestões do que precisava ser melhorado, ou até mesmo reclamações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao chegar às escolas já foi possível observar um aspecto de grande importância que é o fato de que foi visível a disponibilidade da coordenação de ambas as escolas em receber os graduandos para que os mesmos realizassem as atividades.

Figura 1. Bingo das Operações



(Fonte: Acervo dos Autores)

É bom ressaltar que é muito importante que as pessoas que estão à frente da coordenação e direção da escola tenham uma mente aberta para que novas práticas e novas análises da educação sejam introduzidas no ambiente escolar, pois é sempre necessário que sejam colocadas em prática novas dinâmicas educacionais na

busca pela melhoria do ensino-aprendizagem, como ressalta Freire (1993, p. 40) “Quando a prática é tomada como curiosidade, então essa prática vai despertar horizontes de possibilidades. [...] Esse procedimento faz com a que a prática se dê a uma reflexão e crítica.”.

A dinâmica apresentada e aplicada nas duas escolas do município, com os alunos do 7º ano mostrou certo temor e resistência dos mesmos quando souberam que a atividade seria de Matemática, uma vez que esta matéria ainda tem muita resistência por parte dos estudantes. Durante a realização da atividade foi possível compor comentários, como uma primeira impressão das escolas, como dito anteriormente identificamos aqui as escolas de “A” e “B”.

As atividades na escola “A” foram realizadas no período matutino. A estrutura da escola é boa considerando a realidade municipal, não houve problemas ou dificuldades quanto ao uso dos materiais presentes em sala. No entanto, pode-se notar deficiência dos alunos em relação ao desenvolvimento individual de exercícios, ainda que simples afinal, essas operações são consideradas a base de toda a Matemática, no entanto, os alunos apresentaram uma forte dificuldade em resolver as operações. Essa dificuldade estava visivelmente presente que chegou a atrapalhar a maioria dos alunos na hora de marcar suas cartelas, e mesmo com os alunos de graduação que estavam aplicando a atividade resolvendo as operações no quadro, a maioria dos alunos estavam dispersos e nervosos quanto às operações que precisavam ser resolvidas que passaram várias cartelas completas sem ser percebidas, de forma que as 75 pedras foram tiradas e ainda assim, os alunos ficaram com cartelas incompletas, por falta de atenção e acima de tudo, por não conseguirem resolver as operações.

A atividade na escola “B” foi realizada no período vespertino, estruturalmente falando, a escola tem uma deficiência muito grande, o quadro branco da sala onde foi aplicada a atividade estava bem danificado, de forma que houve certo temor de que a “tela” (parte branca) do quadro caísse por cima do grupo de graduandos quando se começava a anotar as operações no quadro ou resolvê-las. Além disso, a temperatura do município é muito alto durante todo o dia, mais especificamente durante a tarde, e os ventiladores que havia na sala de aula não eram suficientes para suprir o calor das crianças, sendo que um dos ventiladores ameaçava cair e estralava constantemente causando balbúrdia e certo medo nas alunas que se sentavam embaixo. Essa escola, mesmo com uma infraestrutura mais danificada apresentou melhor resultado dos alunos quanto à resolução das operações, no entanto, ainda assim os alunos não conseguiram completar as cartelas, não se podendo dizer ao certo o que pode ter

causado tal distração, se foi a falta de atenção, o ventilador barulhento ou até mesmo o nervosismo ao responder as operações. Vale ressaltar que os alunos pediam constantemente para ir beber água e ir ao banheiro, no entanto, sentiam-se temerosos ao pedir, mediante que um dos alunos comentou que a professora costuma não permitir que os mesmos saíssem da sala de aula.

Em um primeiro momento de discussão, deve-se considerar o que diz BRANDÃO (1993, p. 06):

A educação existe onde não há a escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado. Porque a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida. A vida que transporta de uma espécie para a outra, dentro da história da natureza, e de uma geração a outra de viventes, dentro da história da espécie, os princípios através dos quais a própria vida aprende e ensina a sobreviver e a evoluir em cada tipo de ser.

Nesse trecho do livro *“O que é Educação?”* de 1993, Brandão comenta sobre o fato de que a escola, como um espaço físico e formal é irrelevante, em outras palavras, não há diferença se existe ou não um prédio ou um local específico para a educação, mais adiante no texto ele comenta que existe educação mesmo onde não existe uma placa especificando que ali existe uma escola. Porque mesmo onde não há escola, pode haver educação. E isso foi bem visível nas escolas, afinal de contas, na escola com maior infraestrutura o desempenho dos estudantes foi mais baixo referente às operações básicas, enquanto a escola com uma infraestrutura mais precária surpreendeu, apresentando alunos muito mais participativos e preparados quanto à resolução de exercícios envolvendo as quatro operações. Ou seja, se existe um problema na educação, ele não se baseia na existência ou não de um prédio ou de uma estrutura favorável, mas sim da disposição quanto ao compartilhamento de conhecimento. É verdade, que a estrutura pode motivar e até refletir melhores resultados, no entanto, é necessário que se compreenda que a educação está viva, e sua existência não depende de estrutura ou situações favoráveis.

Como comentado anteriormente, os alunos tiveram uma reação que expõe certo temor quanto à Matemática, isso tudo porque a Matemática tem sido mistificada como a disciplina mais difícil de todas, e isso é um conceito pré-construído, como apontado por SILVEIRA (2002), os alunos terem comentado que a aula era chata faz com que um pensamento negativo seja criado quanto à estratégia de ensino da professora. Afinal, a função do professor como apontado por SILVEIRA (2002) é fazer com que a Matemática não seja o

bicho papão, mas que seja uma matéria considerada fácil, assim como ela é. Pois permitir que a Matemática seja vista como um desafio impossível desmotiva os alunos e faz com que os mesmos cogitem a possibilidade de desvalorizar e desistir da matéria, submetendo-se apenas a uma memorização do conteúdo, demonstrando aprendizagem, no entanto, uma aprendizagem superficial, conseguindo dessa maneira, ser aprovado na matéria, mesmo sem ter aprendido nada. Esse abandono quanto à Matemática pode ser considerado desesperador para os educadores, pois como foi apontado por Bacon (1980) "O abandono da Matemática traz dano a todo o conhecimento, pois aquele que a ignora não pode conhecer as outras ciências ou as coisas do mundo", ou seja, fica claro que a falta de incentivo dos professores quanto à aprendizagem da Matemática pode prejudicar a absorção de conhecimento de todos os conteúdos de diferentes disciplinas.

Infelizmente o ensino tem sido fortemente atacado pela falta de paixão dos educadores, que tem se esmorecido às dificuldades vivenciadas, mesmo sabendo que elas são inevitáveis. FREIRE (1997, p. 25) comenta que:

Construir o educador como responsável por sua prática, portanto, como sujeito, é algo que se dá como um processo histórico. É durante este processo que o educador descobre em si o prazer e a paixão de criar. Adubar paixões é algo que se faz na reflexão sobre a sua prática, não em algumas semanas de treinamento.

Ou seja, não faz sentido que o educador tente motivar os alunos sem estar motivado, é sobre criar paixões e motivar paixões pelo ensino e pela aprendizagem. Se essa paixão pela prática deixar de existir, nesse instante é que morre a educação, afinal, é preciso dedicação e esforço para passar um conhecimento para as gerações mais novas, no entanto, isso não está mais sendo visto nas escolas, e isso chega a ser aterrorizante, porque não se pode deduzir que caminho pode tomar uma educação constituída de profissionais que não gostam do que fazem.

Algo foi teoricamente contraditório, afinal, os alunos disseram ter gostado da atividade e chegaram a pedir por mais, enquanto reclamaram da aula de Matemática que teriam logo em seguida, isso dá a entender que os alunos têm prazer em aprender ludicamente, têm prazer em aprender jogando, é fato que os professores não estão dispostos a fazer um jogo em toda aula, mas o jogo é um grande fomentador do ensino-aprendizagem, motiva tanto alunos quanto professores, os jogos trazem interatividade e melhor relação entre professor e aluno, além de ainda ensinar e revisar os conteúdos. MOURA (1992, p. 66) comenta que:

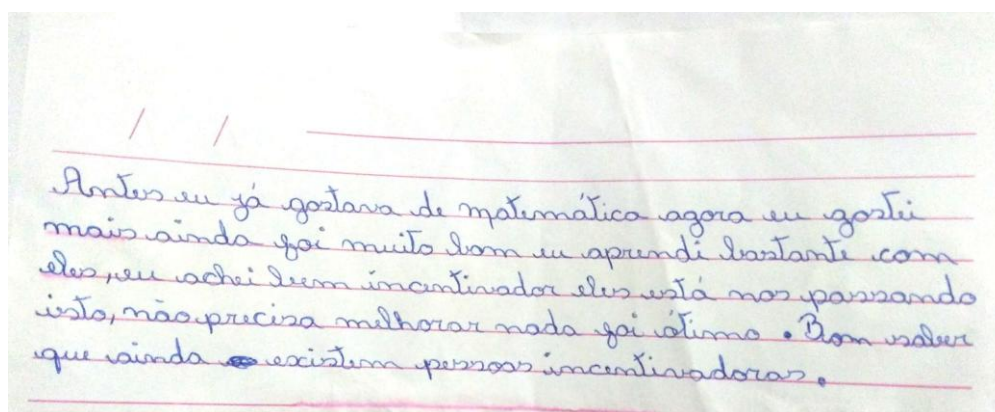
O jogo é um brinquedo sério, pois está envolvido numa ação das mais importantes do homem: a ação de educar. É por isso que o jogo não pode ser um elemento visto apenas como um intervalo entre um conteúdo e

outro. Não, ele é um ato de educar. E se educa é com conteúdo

Não é errado que os jogos estejam presentes na sala de aula, enquanto eles tiverem proporcionando qualidade de ensino, eles devem permanecer, não é errado ter jogo todos os dias de aula, desde que o jogo seja reconhecido como uma ferramenta de ensino, como ele de fato é, e não como uma oportunidade de recreação como ele é comumente reconhecido. Porque a educação só existe se houver aprendizado, sem aprendizado, educação é só ensino.

Como comentando, foram pedidos bilhetes com sugestões e comentários sobre a atividade aplicada. Ao analisá-los, houve um em que dizia “Antes eu já gostava de Matemática agora eu gostei mais ainda foi muito bom eu aprendi bastante com eles [aplicadores da atividade], eu achei bem incentivador eles está nos passando isto, não precisa melhorar nada foi ótimo. Bom saber que ainda existem pessoas incentivadoras.”. Bem, se uma gratidão tão explícita por parte dos alunos não for um motivo grande o suficiente para fazer o professor amar seu trabalho e lutar para vencer os obstáculos vivenciados, não se pode apontar um motivo melhor.

Figura 2. Bilhetinho Transcrito no parágrafo anterior



(Fonte: Acervo dos Autores)

O interessante desse comentário é a própria aluna de 7º ano do Ensino Fundamental perceber que existe uma ausência considerável de pessoas que incentivem os alunos. Isso toca uma sirene de emergência e mostra o quanto a educação corre risco. Esse comentário aponta como existem alunos que gostam de Matemática, mas que sentem falta de quem os incentive a continuar.

Alguns alunos compreendem o tamanho da importância da Matemática, este fato foi visível nos demais bilhetinhos. No entanto, mesmo compreendendo a essencialidade da Matemática, seu desempenho não alcança o esperado. Levando tal fator em consideração deve-se ressaltar que a criança pode ter interesse em aprender, contudo, tem se encontrado

com profissionais da educação que não incentivam a aprendizagem dos alunos ou até mesmo os subestima plantando nos estudantes a ideia de que eles são incapazes e que a Matemática é “para poucos”.

CONCLUSÕES

A atividade aplicada em sala de aula trouxe noção para os discentes como um primeiro momento em sala de aula, um momento onde foi possível criar estratégias de ensino, maneiras de prender a atenção dos alunos e mantê-los focados, tendo sido uma pequena experiência de como executar a missão de ser professor.

Poder ver a beleza da educação foi possível através da observação do encontro da teoria e a prática. Tal beleza pôde ser apreciada mesmo que fosse possível perceber também os problemas e desafios na educação, no entanto, tais obstáculos vivenciados atualmente na educação não foram suficientes de intimidar os professores em formação, pelo contrário, através da análise dessas dificuldades, os mesmos tiveram a oportunidade de criar estratégias que fossem auxiliá-los no seu desempenho como professores futuramente, preparando-se para desenvolverem o árduo papel de ser professor mesmo quando as circunstâncias não são favoráveis.

Essa experiência trouxe a oportunidade de ver com outros olhos a educação, podendo criar relações de todo o estudo teórico com a prática, onde cada comentário de grandes autores se encaixa, como se pode melhorar a educação, onde se pode aplicar cada uma das teorias da educação, sempre na busca de ser um professor diferente, que buscar melhorar a qualidade de ensino e manter viva a educação, no seu mais puro sentido.

A experiência relatada possibilitou ainda a visualização de como a educação Matemática é um dos grandes desafios do processo de ensino-aprendizagem, de modo que parte da falha desse processo se dá devido à ausência de incentivo dos professores, uma vez que SILVA, et al (2013, p. 01) comenta que:

Quando crianças ou jovens brincam, demonstram prazer e alegria em aprender. Eles têm oportunidade de lidar com suas energias em busca da satisfação de seus desejos. E a curiosidade que os move para participar da brincadeira é, em certo sentido, a mesma que move os cientistas em suas pesquisas.

Disso pode-se inferir que, fica claro como o incentivo poderia fazer toda a diferença no cenário educacional, e sim, é fato de que o incentivo, o uso de jogos é algo complicado e trabalhoso para ser colocado em prática, mas ainda assim não constitui-se como

algo impossível e isso é o mais importante, pois se ainda há o que fazer pela educação, então deve ser feito com urgência. Pois é na educação que está baseada a sociedade, na transferência de conhecimento que possibilitou a sobrevivência dos seres humanos durante o período pré-histórico e que permanece sendo o motivo de evolução da sociedade até os dias de hoje.

Fica claro que o professor é quem pode ser o “super-herói” do mundo, tornando melhor sua realidade, adubando com a paixão pela educação e pelo conhecimento, fazendo perpétua dessa maneira a educação e o amor pelo ensino, e também o amor pela disseminação de conhecimento, o qual é imortal e também a maior arma humana, arma esta que não fere e tira a vida, mas que é capaz de curar e dar vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, João. A voz do aluno: um desafio e um potencial transformador. Arquipélago: Ciências da Educação, Açores, v. 8, p. 117-142, 2007.

BACON, Roger. Doctor Mirabilis (Doutor Admirável). Filósofo Inglês com ênfase em Empirismo e ao uso da Matemática no estudo da natureza. 1214-1294. In: Grande Enciclopédia Universal. Ed: Amazonas, edição 1980.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, Coleção. Primeiros Passos, 28 o ed., 1993.

CARDOSO, Luciana Pereira. PINTO, Maria das Graças C. S. M. G. O estágio curricular supervisionado e a formação docente. XII ENPOS do município de Rio Grande/RS 2010.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. Que fazer: teoria e prática em educação popular. Petrópolis, 1993.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 4ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

MORIN, Edgar. Os Sete saberes necessários à educação do futuro. 10. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2005.

MOURA, M. O. de. A construção do signo numérico em sala de aula. Tese de doutorado. USP/FE, São Paulo, 1992.

NÓVOA, Antonio Sampaio da. Debate Nacional sobre Educação. Intervenção feita na Assembléia da República, a 22 de Maio de 2006. Documento policopiado, 2006.

RIZZI, Leonor, HAYDT, Regina Célia C. Atividades lúdicas na educação da criança. São Paulo: Editora ática, 2001.

SILVA, J. L. S. da et al. Matemática lúdica ensino fundamental e médio. Educação em foco, n. 06, p. 26-36, mar. 2013. Disponível em:

<http://unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/educacao_foco/artigos/ano2013/matematica_1

udica.pdf>. Acesso em 05 set. 2017

SILVEIRA, M. R. Matemática é difícil: um sentido pré-construído evidenciado na fala dos alunos. In: Reunião anual da ANPED, 24, MG. Anais. MG: ANPED, 25. p. 1-17. 2002.

Disponível em:

<http://www.ufrj.br/emanped/paginas/conteudo_producoes/docs_25/matematica.pdf>.

Acesso em 04 set. 2017

TEIXEIRA, Anísio. A Pedagogia de Dewey. In: DEWEY, John. Vida e educação. 10. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.